

Entre Peões e Atos:



o personagem Lula

Claudio Luis de Camargo Penteadó
Doutor em Ciências Sociais pela PUC/SP.
Pesquisador do Núcleo de Estudos em
Arte Mídia e Política (NEAMP). Professor
Universitário (UniABC).

O cinema é uma linguagem que possibilita a criação de múltiplos. As possibilidades existentes pela linguagem cinematográfica permitem que as obras despertem diferentes olhares para a realidade social. A vitória de Lula em 2002 representou um grande marco para a política brasileira, sua trajetória política e pessoal ganhou destaque, inclusive no plano internacional. Nas telas do cinema, os documentários *Entreatos* de João Moreira Salles e *Peões* de Eduardo Coutinho, exibidos no final de 2004, apresentam versões diferentes, mas complementares do personagem Lula. Os documentários trazem para o campo do visível tempos mortos e falas perdidas de sua trajetória política. *Peões* recupera o surgimento político do líder Lula dentro do universo sindical, liderando as greves operárias no ABC paulista. Por outro lado, *Entreatos* apresenta os bastidores da campanha de Lula, expondo todo o universo de profissionalização que cercou sua eleição em 2002, assim como expõe seus conflitos pessoais na luta pelo poder. Os documentários permitem uma reflexão sobre o duplo do personagem Lula.

Na era da visibilidade a (oni)potência dos meios de comunicação interliga e conecta todo o planeta. Nesse contexto, a vida humana se transforma em um grande espetáculo midiático, assim como demonstram o sucesso dos reality shows e programas de fofoca que invadem a programação das televisões, Internet, revistas e rádios.

As figuras públicas ficam ainda mais expostas ao espetáculo da mídia, a privacidade e vida pessoal são misturadas com a imagem pública. No campo da política, os atores políticos ao desempenharem seus personagens (candidatos ou políticos mandatários) estão exibindo ao público (audiência) além de sua figura política, aspectos de sua vida pessoal, compondo um complexo personagem.

Lula, Presidente da República eleito em 2002, é hoje um dos principais atores da política brasileira. O personagem de Lula ultrapassa a sua própria figura política e pessoal, ele encarna diversos atributos simbólicos que incorporam à sua imagem sua atuação política e sua história de vida. Podemos destacar cinco aspectos desse personagem:

Primeiro, a trajetória pessoal do migrante nordestino que fugiu da miséria que assombra o Nordeste brasileiro e vem para São Paulo (“Sul Maravilha”) na busca de uma vida melhor. Enfrenta as dificuldades comuns aos migrantes nordestinos que aportam nas cidades grandes. Após conseguir o emprego de metalúrgico em São Bernardo do Campo, envolve-se no movimento sindical. Acaba por se tornar o principal líder sindical das “grandes greves no ABC” em 1979 e 1980, sob o regime militar. Sua trajetória de vida, particular e política, é admirada por diversos setores da sociedade. As pessoas comuns se identificam com sua figura e origem popular. Enquanto que parte da “intelectualidade” enxerga em Lula o símbolo do movimento operário e o grande líder operário que vai comandar o proletariado na sua luta pelo poder.

Um segundo aspecto da vida de Lula que chama a atenção é a sua participação na fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). O PT nasce a partir de lideranças surgidas dentro do movimento operário, de intelectuais de esquerda e de alguns membros da Igreja Católica progressista. O partido dos trabalhadores acaba por se tornar o principal partido da esquerda brasileira, principalmente depois da eleição de 1989, na qual Lula perdeu para Fernando Collor de Melo em uma disputa acirrada no segundo turno. O partido, personificado na figura de Lula, atuou na oposição aos governos: Collor, Itamar Franco e



FHC. Defendendo a bandeira da justiça social e da ética na política, o partido cresceu em todo o país obtendo vitórias eleitorais em diversas regiões estratégicas.

Um terceiro fator, está relacionado à capacidade da liderança interna de Lula no PT. O ator Lula é o único capaz de agregar as diferentes correntes existentes no partido. O crescimento político do PT e sua conseqüente burocratização, levou ao agravamento das disputas internas entre as diferentes tendências e a criação de diversas identidades e ideologias políticas. Somente a figura de Lula conseguia unir e agrupar em torno de si as divergências internas, permitindo que o grupo moderado (mais pragmático), liderado por José Duceu, exercesse o controle do partido.

Outro elemento interessante do personagem Lula está relacionado a sua insistência na tentativa de chegar à Presidência. No ano de 2002, Lula se candidatou pela quarta vez. Após chegar perto de ser eleito em 1989, ele amargou duas derrotas (1994 e 1998) para Fernando Henrique no primeiro turno, apesar de conseguir expressiva votação nos dois pleitos. Em 2002, Lula condicionou sua candidatura a uma efetiva chance de vitória, apostando em uma profissionalização da campanha petista e a adoção de uma linha mais pragmática, mais palatável ao gosto do eleitorado brasileiro. Com grande expressão nacional, o político Lula poderia ter se candidatado a outros cargos (deputado, senador, governador, etc), no entanto, ele focou sua atenção ao cargo de Presidente da República, o qual atingiu ao final da votação em 2002.

Um último elemento do personagem Lula está relacionado ao preconceito social e político existente contra a sua origem humilde, nordestina e sua falta de instrução. A idéia de um operário, sem formação universitária chegar ao cargo mais importante da república brasileira desperta em diversos segmentos da sociedade uma série de preconceitos típicos de uma sociedade conservadora. Pesa, também, contra o ator o preconceito em relação à origem socialista do partido, que assusta o conservador eleitorado brasileiro, os empresários e investidores internacionais. Entretanto, em 2002 Lula e o PT adotaram um discurso de defesa dos interesses do empresariado brasileiro e valorização da indústria nacional, para tentar imunizar os efeitos e a rejeição a sua legenda. Assim, em junho de 2002 Lula apresentou a “Carta ao Povo Brasileiro”, na qual se comprometia a cumprir os acordos firmados com o FMI e sinalizava para uma mudança sem rupturas, mantendo a estabilidade econômica e política.

A vida política do ator Lula se confunde com sua vida pessoal, um exemplo disso são os dois documentários lançados no final de novembro de 2004: *Entreatos* de João Moreira Salles e *Peões* de Eduardo Coutinho. Nesses documentários o duplo de Lula é o principal personagem, sua vida política e pessoal se fundem em uma amálgama representada pela figura pública de Lula.

Os documentários permitem observar os fluxos do poder que ultrapassam os limites institucionais da política tradicional, recuperando a dimensão simbólica que permeia a esfera política. Os filmes têm o mérito de mostrar duas leituras diferentes, mas complementares, do personagem Lula, rompendo com os modelos oficiais da grande indústria de mídia na construção de estereótipos, recuperando a multidimensionalidade da política, possibilitando um olhar alternativo do poder.

O formato informativo e investigativo dos documentários, diferentemente da forma comercial padronizada da produção cinematográfica tradicional, convidam o telespectador a formar sua própria opinião (olhar) sobre o personagem Lula. Não existe um direcionamento linear do olhar conforme asseguram os roteiros dos filmes – apesar da câmera de vídeo nos guiar em suas imagens – os documentários se caracterizam pela ausência de um discurso hegemônico manipulador e condicionante da indústria cinematográfica, permitindo ao observador construir sua própria perspectiva, de acordo com seus referenciais e suas reflexões.

O personagem Lula não é épico nem heróico, pelo contrário é humano, com defeitos e virtudes. Os documentários não são a aclamação de Lula, muito menos, um julgamento ou cobrança, mas sim um exercício de deciframento do duplo de Lula, assim como assinala o sociólogo José de Souza Martins:

Somos convidados a compreender Luiz Inácio à luz do que foi a trajetória de Lula, o que inevitavelmente fará com que Lula seja compreendido e decifrado à luz de sua nova identidade de Luiz Inácio.¹

Martins também destaca o momento histórico retratado pelos documentários. Um momento de “*incertezas decorrentes do caráter corrosivo do tempo histórico, da transitoriedade de pessoas e momentos*”. A vitória, ou mesmo a campanha, de Lula significou em um primeiro momento a esperança de grandes transformações, como visto nas cenas de



sua posse. Em um segundo momento, a figura do candidato Lula encarnou o mito do “salvador da pátria”, o personagem capaz de “curar os males” do Brasil.

O candidato Luiz Inácio Lula da Silva assume em 2002 uma nova identidade, marcada pela transitoriedade do poder contra-hegemônico para o poder hegemônico. A passagem de Lula da oposição para o governo marca um momento de transmutação do personagem político, o qual adota uma nova postura, adequada à ordem hegemônica e à cultura política enraizada no país. Seu discurso e ações são ajustados a sua nova posição dentro do jogo de forças da política brasileira.

Além da mudança do personagem Lula é preciso também constatar a mudança ocorrida na sociedade brasileira: o enfraquecimento do movimento operário trazido à tona pela reestruturação da força produtiva; a nova configuração da economia globalizada; a predominância dos meios de comunicação sobre a sociedade; e outros fatores que coadunam com a trajetória política de Lula, personagem da história política brasileira, em seus mais de vinte anos de atuação política.

Entreatos e Peões

Entreatos, de João Moreira Salles, registra os últimos 33 dias da campanha que consagrou Lula. A força do documentário está no que Salles chamou de mostrar os “tempos fracos” que cercaram a campanha. Salles dá visibilidade para os momentos de bastidores da campanha de 2002, cenas de menor importância, momentos à margem dos discursos e



palanques. O ator Luiz Inácio Lula da Silva assume o personagem do candidato, que trafega pelo Brasil de Norte a Sul em eventos de campanha.

Entreatos mostra um candidato à vontade com as câmeras e acostumado com a correria da campanha. Lula surge como uma pessoa dinâmica e ao mesmo tempo humana. Seu amadurecimento político pode ser constatado, por exemplo, em sua fala sobre a frustração de não conseguir ganhar a eleição no 1º turno e ter que manter a disposição diante dos partidários que se mostravam abatidos. O personagem mostra seu lado pragmático, assume a postura da “realpolitik”, como ao falar sobre os “xiitas” do PT, a busca pelo apoio dos empresários, ou mesmo, ao comentar que não gostaria de voltar a usar macacão de *peão*.

Mas, o personagem também tem o seu lado humano e brasileiro, as brincadeiras com os amigos, o gosto pelo futebol, a emoção ao lembrar de seu passado, ao brincar consigo mesmo na barbearia: “oh baiano jeitado”, as reclamações em relação à camisa “chic” que não acerta em seu corpo, ou então, ao comentar com Duda Mendonça que não sabe batucar às vésperas de um grande evento da campanha.

O documentário também registra o alto grau de profissionalização que cercou a campanha de Lula em 2002, que além das orientações do “marketeiro” Duda Mendonça, contou com equipe de produção, figurinista, maquiagem, roteirista, porta-voz, etc. Dois momentos chamam a atenção: o primeiro quando Lula está se dirigindo para o debate na Rede Globo e sua equipe de figurino está decidindo qual das diversas gravatas vai ficar melhor; e o segundo momento quando mostra que ao mesmo tempo em que Lula participa do último debate com Serra na Globo no segundo turno, na arena montada pela emissora, uma equipe comandada pela filha de Duda Mendonça acompanha e monitora a reação de eleitores sobre o debate, transmitindo pelo celular as impressões coletadas no grupo de controle.

É possível dividir, em uma outra leitura, o documentário em dois atos: o primeiro ato tem como enredo a possibilidade de vitória no 1º turno e o segundo ato mostra a caminhada para a vitória final no 2º turno. A expectativa e frustração que cercou o primeiro turno conduzem à narrativa do primeiro ato. Lula surge na tela como o político acostumado com as câmeras e com a dinâmica do processo eleitoral. Já o segundo ato mostra a arquitetura de sua vitória, sua trajetória e articulações rumo ao poder.

Já no documentário de Eduardo Coutinho, *Peões*, o personagem Lula ganha uma nova leitura que retrata a sua liderança nas greves de 1979 e 1980. A memória do líder operário do personagem Lula é recuperada pelo testemunho dos *peões* que foram os protagonistas do movimento operário no ABC.

Coutinho opta por contar a “*História à contra pelo*” como sugeriu Walter Benjamin em suas *Teses sobre a História*. O documentarista ao registrar o depoimento dos “peões” que participaram das greves ao lado de Lula, permite que os perdedores relatem a sua própria história e recuperem a sua memória e identidade. O documentarista recupera e nos conta através de sua lente momentos “esquecidos” do movimento operário que gerou o personagem Lula. Os relatos permitem construir um novo olhar sobre o “nosso” personagem, aprofundando a sua complexidade e sua dramaticidade, principalmente ao compararmos com o Lula de 2002, mostrado em *Entreatos*.

Peões demonstra a sua força narrativa ao recuperar a memória dos participantes dos movimentos operários, sem no entanto apelar para o discurso dos “vencedores”: as lideranças políticas que conseguiam chegar ao poder, como o caso de Lula e diversas lideranças petistas. Por sinal, Lula serve de referência para (re)pensar os problemas que cercam a vida de milhões de brasileiros que enfrentam a dura realidade das condições de trabalho no Brasil.

Os peões do documentário são agentes da mudança social que ao lutarem por melhores condições de trabalho

questionaram a estrutura social e enfrentaram a repressão da ditadura militar. São heróis anônimos e esquecidos, que em suas falas reconhecem em Lula a figura do grande líder e representante de seus interesses.

Quanto a Lula, um olhar mais atento ao documentário permite recuperar o início da sua vida política, seu carisma e sua liderança frente à direção do Sindicato dos Metalúrgicos. Contudo, esse “Lula puro” não é o mesmo que os sociólogos de escritórios enxergam como legítimo representante da revolução marxista – um Lula idealizado como agente da transformação revolucionária. O Lula retratado nas cenas recuperadas ou nos depoimentos é um líder pragmático, preocupado em conseguir atingir suas metas, um legítimo representante dos trabalhadores.

Apesar de Lula ser o grande referencial de *Peões*, o destaque fica para os depoimentos que recuperam a dimensão humana dos agentes da história, que em sua luta cotidiana pela sobrevivência através do trabalho constroem a História do país. As greves representaram para os entrevistados um grande momento, no qual eles deixaram de ser peões para serem sujeitos que lutam pelo seu destino.

Aproximações e ponderações ...

O documentário de Salles nos convida para olharmos os momentos “não vistos” da campanha. Ele recupera os tempos inexistentes para a grande maioria da população, tempos estes que fazem parte da dinâmica do poder, principalmente na era da visibilidade, na qual os políticos ganham status de estrelas midiáticas. As representações dos candidatos nos meios de comunicação são construções artificiais estratégicas, criadas por profissionais de publicidade, marketing, comunicação e políticos.

Entreatos recupera o sujeito Luiz Inácio perdido no meio do personagem Lula, o candidato e o político. Revela um ser humano por detrás do circo da campanha eleitoral. O sujeito encontra-se perdido no meio do corre-corre da campanha, ele atua nas brechas, nos “entreatos” do jogo político. As declarações pessoais, seus comentários políticos, suas brincadeiras, suas expressões, suas preocupações, suas reações ganham visibilidade, isto é, ganham vida para a sociedade que pode observar e conhecer um pouco mais do sujeito, bem como da arquitetura política.

A arquitetura política revelada em *Entreatos* desvenda uma parte do universo político contemporâneo, no qual os meios de comunicação assumem papel central nas disputas pelo poder político via eleitoral. A fala de Lula sobre o medo de ser engolido pelo poder ou mesmo sobre o papel do PT em seu futuro governo são exemplos que iluminam o amadurecimento político de Lula e de suas expectativas e anseios frente à Presidência da República.

Assim como no documentário de Salles, *Peões*, de Eduardo Coutinho, também releva um outro lado da política, mostra o interior do movimento operário do ABC paulista nas greves de 1979 e 1980. É interessante observar que mesmo dentro do movimento operário a política ganha contornos

do espetáculo, os discursos, as manifestações as mobilizações são (re)lembradas pelos participantes como grandes acontecimentos, isto é, grandes espetáculos.

A política, tema que permeia os dois documentários, é desvendada em sua dimensão espetacular. No entanto, somos convidados a olhar o espetáculo a partir de sua construção e desconstruções, deixamos de ser audiência para nos tornarmos testemunhas.

A recuperação desses fragmentos fornece elementos para refletirmos sobre a política na era visibilidade. As representações do poder, mais que nunca, assumem a direção da ação política, que se vê refém dessa nova lógica governada pela estética midiática. Os documentários de Salles e Coutinho visam quebrar essa lógica, mostrando o interior do espetáculo. No primeiro os bastidores da campanha sustentam a narrativa, e no segundo a fala dos peões recontam o movimento operário do ABC paulista. Ambos decifram o lado das sombras dos espetáculos, recuperam momentos não vistos, para montar um novo olhar para o universo da política.

Personagens e atores

O espetáculo na prática política sempre esteve presente, desde os mais remotos tempos dos faraós. Com o desenvolvimento tecnológico, o espetáculo político ganha dimensões planetárias, ampliando a sua esfera de atuação, ultrapassando o espaço público e invadindo a esfera doméstica. Os meios de comunicação ampliam a visibilidade da política, o espetáculo da política ganha novos contornos, novas características e novas estratégias.

Os atores políticos no atual cenário político midiático precisam adaptar as suas ações e linguagem à estética midiática, a qual privilegia o espetáculo. Assim, o espetáculo da política fica ainda mais espetacular, conforme preconizado por Guy Debord² em sua obra *A Sociedade do espetáculo*.

Nesse contexto, as vidas pessoais das pessoas públicas ficam expostas à ditadura da visibilidade. O ator social, o ator político e o sujeito passam a se tornar um único personagem, que agrega em torno de sua representação diante da visibilidade diversos atributos simbólicos.

Os documentários são exemplos desse processo, apesar de apresentar uma visão não oficial do personagem Lula, e mesmo contra-hegemônica no caso de *Peões*. Ambos contribuem para que os momentos pessoais sejam invadidos pelos olhares curiosos, tornando visível espaços privados. *Entreatos* aposta nos tempos ocultos da campanha, opta por mostrar o universo do candidato. *Peões* recupera a memória dos participantes anônimos do movimento operário, tornando público o passado de Lula no movimento sindical, momento de construção do personagem político de Lula.

A vitória de Lula no pleito presidencial de 2002 foi um marco para a história brasileira. A vitória do ex-operário se transformou no momento da celebração democrática: a ascensão ao poder central de uma liderança de origem popular. Este cenário alimenta a mística em torno do personagem Lula, que por ser presidente já chama a atenção dos holofotes da mídia, sendo reforçado por sua simbologia.

A visibilidade do personagem retratada nos documentários nos apresenta o outro lado do poder. O ator Lula enquanto personagem mostra a sua capacidade (potência) política: como líder sindical ou como candidato a Presidência.

Ao humanizarem o personagem Lula, os documentaristas espetacularizam a sua vida, torna visível a metamorfose do personagem de operário para o político profissional. Lula, em *Entreatos*, reconhece a sua própria transformação, confessa que não gosta mais da vida partidária, enxerga que existem grupos de radicais dentro do PT, acredita que tem a missão pessoal de fazer um Brasil melhor e sabe que para chegar ao poder precisa mudar seu estilo (destaque para as atividades de Duda Mendonça).

As denúncias de corrupção envolvendo o PT e diversos dirigentes do partido surgidas a partir das acusações do então deputado Roberto Jefferson, em junho de 2005, realçam ainda mais a importância dessa reflexão, abrem novos olhares e novas perspectivas para o personagem Lula.

Epílogo

Manuel Castells defende que estamos vivendo na era da Política Informacional. A mídia acaba por se transformar no espaço privilegiado da política, realçando e destacando os elementos espetaculares do universo político. O personagem Lula nasce nesse contexto, a sua trajetória política narra o funcionamento da política do showbiz: desde o seu surgimento como liderança sindical popular até o candidato amparado por uma staff de campanha altamente profissionalizado.

A metamorfose de Lula relata um pouco da transmutação da política na era da visibilidade. Estamos vivenciando uma nova forma de práxis política, a cultura da virtualidade real. Castells³ argumenta que as representações da realidade, na era da política informacional, acabam por se transformar na própria realidade. O visível nos meios de comunicação orienta a ação política, alterando o jogo político e introduzindo novas regras.

A eleição, momento mais espetacular da democracia representativa, se transforma em um grande espetáculo, no qual os candidatos assumem seus personagens na disputa pelas representações simbólicas no universo dos eleitores. A atuação dos personagens diante da mídia se transforma na principal ferramenta da luta política.

As representações roubam o espaço para o debate público de propostas e programas, a lógica do espetáculo cativa um eleitorado alienado, perpetuando a exclusão política efetiva da maioria da população.

Recebido para publicação em dezembro de 2005.

Notas

¹ Martins, José de Souza. O Estado de São Paulo, 28/11/04.

² Debord, Guy. A Sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

³ Castells, Manuel. O poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

